

Quando a sorte te solta um cisne na noite: Dijon de Moraes e seus *Escritos de design*

Itiro Iida

Sérgio Antônio Silva

Dijon de Moraes merece todo o nosso respeito e admiração. Esta revista, o PPGD, o T&C, a ED e a UEMG o têm como um tipo de mentor e tutor. E isso não é de hoje. Entretanto, elevaram-se recentemente o respeito e a admiração por essa figura humana tão arguta e, ao mesmo tempo, amistosa, diante da grata surpresa que é seu livro *Escritos de Design*: um percurso narrativo, lançado no ano passado (2021) pela editora Blucher. Afinal, trata-se de expor uma vida, de tornar público o que é da ordem do privado (a família, as paixões, os sonhos), e para isso, tal como para a própria vida, lembrando Guimarães Rosa, tão caro ao Dijon e tão presente em seu livro, é preciso coragem.

O interessante é que Dijon dissimula o que há de biográfico no livro, ao usar o foco do design para compor o seu “percurso narrativo”. Essa façanha se dá, tal como relatado no próprio livro, quando ele, depois de ter escrito e publicado outros quatro livros no campo da teoria e crítica do design (todos eles muito bem-sucedidos, por sinal), repara que muitos de seus colegas, italianos, sobretudo, publicavam seus *escritos* em um formato que os permitia transitar entre a vida e a obra, as impressões pessoais, a memória e o pensamento, a filosofia do ofício. Assim, segundo o próprio autor, foi a seguinte definição que guiou o seu propósito:

Escritos representa um formato de livro no qual se narra um percurso vivido por meio de uma atividade profissional, nesse caso, o design. Existe um limite muito tênue entre o modelo *escritos* e o biográfico: o primeiro deve ter sempre como foco a atividade do protagonista, mesmo quando se abordam questões que indiretamente o fizeram escolher uma em vez de outra profissão. Isso faz com que, muitas vezes, o modelo *escritos* se aproxime do biográfico, apesar de serem distintos. (p. 7)

Um gênero textual análogo aos *escritos* evocados por Dijon seria o dos *ensaios*. O precursor mais genial desse gênero, assim se diz, é Michel de Montaigne, precisamente com os *Essais* publicados em três volumes no final do século XVI, entre 1580 e 1595. Nos ensaios, o biográfico deixa de ser bio, para se tornar gráfi. Esse gênero incerto onde a escritura (no caso, a narrativa) rivaliza com a análise, no dizer de Roland Barthes, deu a Montaigne o lugar inaugural de uma tradição que, como estamos vendo, se mantém atual na prática de pensadores e escritores contemporâneos.

Os *Ensaio*s de Montaigne são, até hoje (pois são clássicos, logo, atemporais), agradáveis de serem lidos, têm uma leveza e um estilo que fazem do saber, sabor. E, curiosamente, é com essa mesma leveza, com o sabor de quem está em uma animada roda de conversa, que lemos as 558 páginas – envoltas em um volume relativamente grande e pesado (talvez uma contradição do projeto gráfico, que, a nosso ver, merecia um objeto mais intimista) – dos *Escritos de Design*.

Dijon sempre foi de contar histórias e sempre fez, de suas histórias, lições de design. E mais, fez das lições de seus mestres, muitos deles seus amigos (dada essa sua outra virtude, de fazer amizades), histórias para seus colegas e alunos. Por isso seu livro agrada tanto, são muitas histórias de vida, recheadas de informações preciosas sobre o design.

O design, no livro, se manifesta em duas frentes, a dos estudos em design e a dos projetos de design. E, o mais interessante, já que o ramo do Dijon é o design de produto, o que acontece é que, no texto, os objetos são imantados de tal forma a nos passarem a impressão de serem eles que estão a contar as histórias. Os objetos estão vivos, na memória e no texto, e nos dizem de sua existência no mundo, junto à nossa, em uma espécie de guinada ontológica. Os primeiros deles, trazidos lá do fundo da memória do menino de oito anos (a idade da perfeição romântica de todos nós), são utensílios de cozinha, manuseados pela mãe, suas amigas e Adão, o padeiro e dono da padaria onde estão todos a preparar quitutes. Tudo ali importa, além dos objetos: a percepção do ambiente, os gestos, as falas e os cantos das pessoas e, finalmente, o fato de surgir dali aquilo que o Dijonzinho designer identifica, mesmo sem saber, como sua primeira prática de projeto, que resulta em algo híbrido, biscoitos “em formato de objetos e produtos como bola, revólver de espoleta, carro, alicate, tesoura, avião, trem de ferro, bicicleta, arco e flecha, rádio, óculos, livro etc.”. (p. 20). O repertório do menino é extenso, em sua mente habitam formas que, pelo processo de criação, vão habitar o mundo.

Pois o menino que herdou, em seu nome, um sítio estrangeiro, cresceu, saiu de sua terra – pedra – azul e deu no que deu: uma vida que se conta pela obra, pelos ensinamentos, pela conduta sempre reta. Todos nós temos nossos deslizos, nossas noites insones, nossos olhos turvos em alguma situação da vida. Mas o que os *Escritos de design* nos dizem é que, apesar de tudo, a vida vale a pena, pelo pouco ou, no caso, pelo muito que podemos aprender e ensinar, pelos encontros e desencontros, acasos e amores, pelos erros que cometemos e sempre pela chance de um dia sermos e fazermos mais e melhor do que já fomos e fizemos. E, tal como está na frase final do livro, *se servimos* – ao outro, ao planeta. No caso do Dijon, considerando sua energia e sua vontade de realização e com a sorte que Deus – os deuses, o destino que *solta um cisne na noite* – lhe deu, sempre podemos contar com sua criatividade no design. O que está por vir, Dijon?

Uma técnica usada nos *Escritos* é a da citação. Trechos de cartas, ensaios, entrevistas, artigos, alguns copiados *ipsis litteris*, outros parafraseados de memória, volta e meia aparecem ao longo do texto, a nos lembrar, como o poeta Manoel de Barros: *Os Outros: o melhor de mim sou Eles*. Portanto, abriremos aqui, nesta que é uma resenha sentimental em homenagem ao Dijon, pela coragem e alegria dos *Escritos*, um espaço para as impressões de leitura de um de seus amigos diletos, Itiro Iida, que em sua leitura lenta (segundo ele mesmo, por conta de seus 81 anos de idade, mas não só: pela profundidade) e precisa, captou o que há de essencial no livro.

E, sutilmente, respondeu à inquietação, presente não só neste livro, mas em toda a obra do Dijon, com o fato de o design (pelo menos até certa altura, talvez não seja mais assim, pelo menos é o que esperamos) ter um centro e, ao mesmo tempo, com o fato de estarmos, no Brasil, à margem, na periferia desse centro e, finalmente, em contraponto a essa inquietação, “a esperança de pôr fim à dependência tecnológica dos países periféricos”. (p. 89).

Prezado Dijon,

Terminei de ler o seu livro *Escritos de Design*. Fiquei impressionado com a sua prodigiosa memória visual e a disciplina para anotar os nomes completos das pessoas e datas dos eventos mencionados, descrevendo detalhes dos produtos e até do vestido que a Clarice estava usando.

As extensas narrativas apresentadas poderiam ser classificadas em cinco categorias:

a. **FORMAÇÃO ACADÊMICA.** De graduação na FUMA, passando pelo Mestrado e o Doutorado na Itália, destaca-se esta última fase, com intensos contatos com os principais designers italianos e participação em muitos eventos paralelos em diversos países.

b. **ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EMPRESAS.** É um designer bem-sucedido em projetos de móveis na Madeirense e também em consultorias em diversos APLs de pequenas e médias empresas de móveis, incentivadas pelo Sebrae.

c. **PROFESSOR E PESQUISADOR.** Fez uma longa carreira como professor da ED/UEMG, principalmente na disciplina Teoria e Cultura do Design, coordenador de pesquisas do T&C Design e da publicação *Cadernos de Estudos Avançados em Design*, tendo publicado diversos livros e artigos científicos.

d. **GESTÃO SUPERIOR.** Começou como vice-reitor em 2006 e depois foi Reitor por dois períodos entre 2010-2014 e 2014-2018. Essas gestões foram de grande evolução da UEMG, tanto em termos quantitativos como qualificativos. Com as estadualizações das Fundações Associadas, o número de alunos da UEMG passou de 6.700 para 23.000. Foram efetivados 519 professores designados e criados 6 cursos de Mestrado, 2 de Doutorado, 30 Especializações e diversas extensões universitárias. Pela primeira vez, foi aberto um curso da Medicina. Foram criadas a Editora da UEMG, a TV UEMG e se conseguiu mudar a Escola de Design para o Edifício IPSEMG, na Praça da Liberdade.

e. **VIDA FAMILIAR.** Muito amor e companheirismo constante da Clarice, João Pedro e Matteo.

Ao longo da extensa leitura, gostaria de destacar alguns pontos que me chamaram atenção.

- A Universidade do Porto foi fundada em 1290. Entretanto, os portugueses impediram a criação de Universidades no Brasil colônia, ao contrário do que ocorreu nos EUA e na América espanhola.
- Em Cuba, os projetos de PP ficam na versão virtual, por falta de indústrias. Aqui no Brasil não é muito diferente. Tirando os setores de móveis, calçadista e de moda, quase todos os outros projetos de produtos mecânicos, elétricos, eletrônicos e de informática também não passam para a produção industrial.

- A questão da metodologia do produto, passando do modelo linear, cartesiano, para um modelo mais abrangente, com aplicação do Metaprojeto, deveria ser mais discutido e difundido nas escolas de graduação em Design. Nestas ainda prevalecem aqueles modelos físicos-funcionalistas das décadas de 1960/70.

Dijon, quando começou a sua gestão em 2010, eu fiquei realmente preocupado, pois tinha visto muitos professores e cientistas ilustres se transformarem em gestores medíocres e burocratas nas Universidades e também como Diretores do CNPq. Contudo, logo fiquei aliviado ao ver que você estava administrando bem, no caminho correto para fazer uma grande gestão, como acabou ocorrendo.

Parafraseando Pablo Neruda, você poderia dizer que “confesso que vivi com muito trabalho e dignidade, ganhando reconhecimento, e sendo respeitado e querido por todos”. Aluísio Pimenta deve estar aplaudindo-o lá do alto.

De minha parte, agradeço pelas diversas citações e pela oportunidade de ter participado, pelo menos inicialmente, dessa grande aventura.

Abraços do Itiro.¹

Obrigado, Itiro, pelos comentários; obrigado, Dijon, pelo livro e por estar, em seu Instagram, divulgando-o com fragmentos do texto acompanhados de comentários e peças gráficas que nos dão a ver algum objeto, de sua coleção e da Clarice, disposto de tal modo a iluminar (por vezes literalmente) o livro, sempre ao fundo das fotos. Algumas dessas postagens reproduziremos a seguir, para o deleite de nossos leitores. E vida longa ao design, brasileiro e estrangeiro!

¹ Esse texto nos chegou em forma de e-mail, juntamente com a autorização para publicação e a seguinte resposta do Dijon: “Caro Itiro, foi com muita satisfação que recebi os seus comentários sobre o meu novo livro, *Escritos em Design: um percurso narrativo*. Me sinto ainda mais lisonjeado, sabendo da sua isenção e grande capacidade avaliativa em diversos âmbitos do conhecimento. / Diante das generosas observações do colega eu me calo... e apenas agradeço: obrigado, Itiro, por tudo que você fez e ainda faz pela comunidade de referência do design brasileiro. / Me sinto, de igual forma, um privilegiado em poder usufruir da sua companhia e amizade ao longo dos tempos. / Abraços, Dijon

Na velha e escura padaria, viam-se, ainda, peneiras de diferentes diâmetros, funis longos e curtos, pratos esmaltados, carretilhas de cortar massas, batedores manuais de ovos em formato espiral cônicos e outros que, as vezes, lembravam-me tentáculos de polvos (...) Eu como criança encantada, observava todo este mundo alegre e fantasioso, como um cenário cinematográfico de um filme do Federico Fellini.



*Funil Pinóquio
Design: Stefano
Giovannoni*

Alguém tinha que considerar várias condicionantes antes de se conceber um artefato, isso é determinar o DESENHO do produto, projetá-lo antes da sua produção em série em formato INDUSTRIAL, por isso mesmo surgiu o termo Desenho Industrial... Design Industrial... Design.



*Cafeteira Alessi
Design: Aldo Rossi*

Como ocorrido nas demais escolas de design no Brasil, a FUMA (hoje Escola de Design da UEMG) teve também influência dos conceitos racionais funcionalistas da "Escola de Ulm", instituição essa que operou entre 1953 a 1969 na Alemanha. A escola na gestão de Marx Bill buscou suceder o legado da legendaria "Escola Bauhaus (1819-1933)" e depois implantou modelo próprio na gestão do Tomás Maldonado.



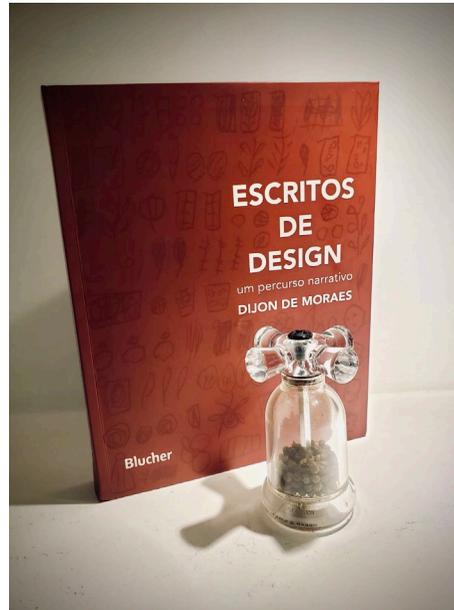
*Exprededor de
Laranja
Design: Anônimo*

A minha velha e linda bicicleta branca e laranja em Chicago, tinha linhas curvilíneas completadas por acessórios também aerodinâmicos do "American Streamline Style". O farol frontal era em forma de cauda de cometa, confeccionado em metal brilhante contendo vidro com frisos circulares na sua parte frontal.



*Bicicleta Antiga
Design: Anônimo*

Certo dia estava lendo um jornal quando me chamou a atenção uma instigante matéria onde se via a foto de uma criança com uma torneira, dessas de jardins, enfiada na testa. Dizia a reportagem que a criança brincava no gramado da sua casa quando escorregou, batendo com a testa na torneira que era confeccionada em lâmina metálica e tinha formato de borboleta.



*Torneira Pimenteiro
Design: Cole & Mason*

A Itália é um dos líderes mundiais em exportação nos segmentos de mobiliário, iluminação, automobilismo, joalheria e moda. Estas cinco áreas somadas representam cerca de 70% da balança comercial do país. Segmentos esses intimamente ligados e dependentes do design, assim se pode dizer que 70% da economia italiana tem como base o design.



*Braço com jóias
Design: Artesanato
Italiano*

Tenho momentos memoráveis protagonizados no Politecnico di Milano, os quais trago nítidos em minha memória. Um desses foi o de participar da organização e da edição dos anais do "Congresso Internacional Design plus Research", realizado em Milão em maio de 2000. Esse evento é reconhecido, ainda hoje, pela comunidade de referência em design, como entre os três mais importantes já realizados no mundo. A palestra inaugural foi do professor Tomás Maldonado e o comitê científico composto pelos professores Ezio Manzini, Victor Margolin e Tomás Maldonado.



*Chaleira Alessi
Design: Philippe Stark*

Recordo-me quando mostrei o meu portfólio ao designer austríaco professor Heinz Waibl, contendo os trabalhos que tinha já realizado no Brasil, ele entendeu, a princípio, que eu tinha feito os catálogos e não o design de todos aqueles produtos. Por isso mesmo em Milão, eu buscava mais os valores culturais que tecno-projetuais e me aproximei das disciplinas de cunho teórico e culturais, com teor mais crítico e analítico.



*Candelabro Bailarina
Design: Dijon De
Moraes*

No caso da Turquia, talvez o desafio de manter a sua tradição artesanal, em que objetos, utensílios e artefatos vinham representados por complexas formas e elaboradas tramas e símbolos, tenham sido o empecilho maior para a decodificação ou "geometrização" do desenho voltado para a produção industrial em série e industrial nos países do oriente.



*Frascos de Óleos
Aromáticos
Design: Artesanato
Marroquino*

O convite para esse trabalho surgiu em um momento bastante especial, pois tinha, em curto espaço de tempo, realizado dois importantes projetos pessoais: o nascimento do meu primeiro filho e a conclusão do doutorado em design no Politecnico di Milano. A "Caleca Itália" é uma tradicional e centenária empresa italiana, que há mais de 250 anos leva o sobrenome da família de seus fundadores e que hoje se encontra na terceira geração de proprietários na região da Sicília. O diferencial competitivo da empresa se baseia no fato de todas as pinturas e motivos decorativos aplicados nas cerâmicas serem realizadas artesanalmente, à mão, por hábeis mestres pintores.



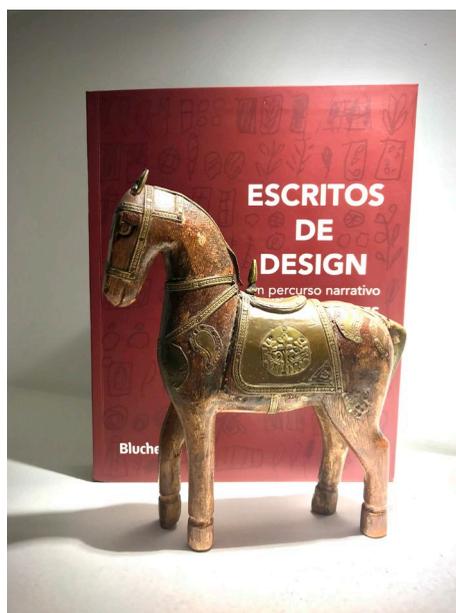
*Linha Cerâmica
Caleca Itália
Design: Dijon De
Moraes*

Na nossa missão de reitores brasileiros no Reino Unido, fomos agraciados na Escócia com um jantar de gala oferecido pelo presidente da "Royal Society of Edimburgh", a famosa "Academia de Ciências de Edimburgo", em sua imponente sede no centro histórico da cidade.



*Cachorro com Relógio
Design: Artesanato
Escocês*

Para minha satisfação, no início de 2019, recebi das mãos do Cônsul da Itália em Belo Horizonte, em cerimônia com a presença da minha família no consulado, a cidadania e o passaporte italiano. Agora, com a dupla cidadania, ficava ainda mais fácil a minha livre circulação entre as culturas ítalo-brasileiras. Durante a fase de revisão final deste livro, recebi também do mesmo Cônsul Savarese o título de "Cavaliere dell'Ordine della Stella d'Itália" uma das mais importantes honrarias do país, a mim conferida pelo presidente da república Sergio Mattarella e destinada aqueles que promoveram relações de amizade, colaboração e vínculos culturais, científicos e artísticos entre a Itália e outros países.



*Cavalo Madeira e
Bronze
Design: Artesanato
Árabe*

Esta narrativa presente em Escritos de Design não é melhor nem pior dentre tantas existentes no fascinante mundo do design, mas devido às características com tramas e tessituras próprias, faz com que seja singularmente o meu percurso vivenciado.



*Luminária Eclipse
Design: Vico
Magistretti*

Referência

MORAES, Dijon De. **Escritos de Design: um percurso narrativo**. São Paulo: Blucher, 2021, 465p.

Sobre os autores

Itiro Iida é engenheiro de produção, formado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em 1965, onde realizou também o curso de doutorado, defendendo tese sobre A Ergonomia do Manejo. Foi professor universitário, lecionando diversas disciplinas ligadas à ergonomia e gerência da produção na Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial, Fundação Getulio Vargas, Universidade Federal da Paraíba e Universidade de Brasília, onde se aposentou. Foi um dos fundadores e Presidente da Associação Brasileira de Ergonomia - ABERGO - e da Associação Brasileira de Engenharia de Produção - ABEPRO. Autor dos mais importantes livros de ergonomia editados no Brasil, especialmente voltados ao design e engenharia de produção.

E-mail: iida.itiro@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2995995964333970>

Sérgio Antônio Silva é professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – PPGD / UEMG. Coordenador da linha de pesquisa -grafia: estudos da escrita, registrada ao CNPq. Graduado em Letras, com mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG. Pós-doutorado em História da Cultura pela Universidade Nova de Lisboa.

E-mail: sergio.silva@uemg.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9285512367945785>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4801-700X>